

A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

DELAMARE, Tatiane¹; FRANZ, Juliana Cristina¹; MACEDO, Daniele¹; FONTANA, Guilherme¹; RÖHNELT, Priscila Barcelos Cardoso²

¹Universidade Federal de Pelotas – Graduandos, Licenciatura em Geografia; tatianesvp@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Geografia. prirohnelt@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo objetiva-se fazer um resgate da história da colonização alemã no Rio Grande do Sul. Esta que teve início em 1824, quando a primeira colônia de imigrantes alemães se estabeleceu no atual município de São Leopoldo. Esta imigração caracterizou-se pelo intuito colonizador das terras gaúchas que estavam em constante conflito com os espanhóis. E, é justamente com os alemães que a prática da agricultura, principalmente de caráter familiar se difundiu pelo estado.

Nos primeiros anos da colonização, percebe-se que os alemães imigrantes se mantiveram isolados nas áreas de florestas, o que lhes permitiu a manutenção da sua cultura, dos seus costumes e até mesmo da sua língua, a qual até hoje se reproduz nas colônias de origem alemã, através do uso de diferentes dialetos.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Esta pesquisa embasou-se sobre uma revisão bibliográfica acerca da colonização alemã no estado. Em um primeiro momento, buscou-se realizar um estudo sobre as motivações da chegada dos alemães no Rio Grande do Sul e sobre as colônias que neste estado fundaram. E, posteriormente, foram analisados os costumes desta etnia que são preservados até o presente.

3 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS COLÔNIAS ALEMÃS NO RIO GRANDE DO SUL

Os imigrantes alemães que se estabeleceram na Província do Rio Grande do Sul no século XIX localizaram-se nas áreas de florestas entre o litoral e o planalto, acompanhando os vales dos principais rios, como por exemplo, Sinos, Jacuí, Taquari e Caí, muitas vezes, desde o curso inferior até as nascentes. E, foram imprimindo nestas regiões de colonização alemã, a característica de pequenas propriedades policultoras. Ainda, pelo fato de estarem isoladas passaram a desenvolver um comércio de pequena escala local. (SEYFERTH, 1974)

O processo de colonização alemã no Rio Grande do Sul teve como principal fator o interesse do governo em povoar, garantindo assim a posse do território sul do Brasil, que era constantemente ameaçado pelos espanhóis. Os imigrantes alemães desembarcaram em solo gaúcho em diversos períodos, os primeiros chegaram em 1824 no Vale do Rio dos Sinos, quando ainda não se tinha uma legislação específica para a imigração. (ROCHE, 1969)

A primeira colônia se estabeleceu no atual município de São Leopoldo, em terras que eram de propriedade da Coroa, dando origem a Real Fitoria do Linho

e do Cânhamo. Para incentivar a vinda dos colonos o governo ofereceu alguns benefícios, como pagamento das despesas da viagem, terras e alguns animais, além de uma ajuda em moeda corrente e isenção de impostos por 10 anos. A única obrigação que eles teriam seria não deixar as terras improdutivas por um período de 10 anos. O desenvolvimento ocorreu de forma gradativa, estendendo-se pela borda da Serra, surgindo com isso novas colônias, porém, muitas não conseguiram se desenvolver e outras se tornaram muito pobres se comparadas com a de São Leopoldo. A colonização sofreu uma interrupção entre 1830 e 1846, devido algumas crises políticas no Rio de Janeiro que logo se estenderam ao Rio Grande do Sul, foi nesse período que ocorreu a Revolução Farroupilha, o que também dificultou a imigração. (ROCHE, 1969).

Em 1848, com a pacificação do sul, dá-se continuação a criação das colônias e é criado um Estatuto da Colonização, mas este somente interessou ao Rio Grande do Sul, conforme menciona Roche (1969), na medida em que previu alguns aspectos como a criação de um órgão administrativo no Rio de Janeiro e a regulamentação das condições de transporte dos imigrantes. Nesse período, se formou a Colônia de Santa Cruz (a qual prosperou pela cultura do fumo), a Colônia de Santo Ângelo (que teve um progresso lento), a Colônia de São Feliciano, entre outras. Neste momento a imigração alemã já não recebia mais tanto amparo e benefícios por parte do governo, e os imigrantes colonos artesãos muitas vezes se instalavam em áreas de matas e com diminuta parcela de terras, que com o passar do tempo deveriam pagar ao governo.

No ano de 1875, o número de imigrantes que chegou ao sul diminuiu expressivamente, assim como afirma Roche (1969), os alemães representavam somente 11% da imigração total. Nesse período, o Governo Geral não criou nenhuma colônia, pelo contrário, acabou com algumas que ainda controlava. Com isso, o controle administrativo das colônias passa a ser do Governo Local, que tinha interesses e concepções diferentes do Governo Geral de como administrar as mesmas.

O Governo do Rio Grande do Sul, por volta de 1897, tornou mais rigoroso no processo de legitimação das terras. Formou uma comissão, que percorreu trinta e dois municípios, a fim de determinar que terras ainda pertencessem ao Estado, as que eram ilegais e as legítimas. Nesse período houve uma entrada muito insignificante de imigrantes no sul, como aponta Roche (1969, p.122) “Desde 1896, quando o Estado do Rio Grande do Sul se encarregou da colonização, a média das entradas estabeleceu-se em torno de um milhar por ano, o que era baixo”. Contudo, entre os anos de 1890 a 1914, ocorreram formações de novos núcleos coloniais que acabaram por ocupar toda a borda da serra geral. Depois seguindo para o Planalto, onde se desenvolveram com rapidez, principalmente a colônia de Erechim, e essas colônias oficiais tinham como principal atividade a agricultura.

Em 1914, novamente ocorreram mudanças nas questões políticas governamentais, e isso gerou a criação de diferentes órgãos administrativos para cuidar um da colonização e outro da imigração. Anos depois, com a Segunda Guerra Mundial houve uma preocupação muito grande por parte do Estado, já que o Brasil e Alemanha lutavam em lados opostos na guerra, visto que os imigrantes tinham uma dependência econômica a um país e a fidelidade de nação por outro.

Nos anos seguintes diminuiu o número de novas colônias, uma das últimas foi a de Santa Rosa, e ao fim da Segunda Guerra Mundial o chefe do

Estado do Rio Grande do Sul declarou que não tinha mais lugar para uma imigração de agricultores.

3.1 TRADIÇÕES E COSTUMES DOS IMIGRANTES ALEMÃES NO RIO GRANDE DO SUL

Quando os imigrantes alemães chegaram ao Rio Grande do Sul trouxeram consigo uma rica cultura, marcada por festas com diversos tipos de danças, tendo como cerimônia de abertura a conhecida *Polonaise*, depois vinham as quadrilhas, dança da vassoura entre tantas outras, é válido ressaltar que era considerada falta de educação se os cavalheiros não retirassem as damas para dançar, sendo assim estes dançavam no mínimo uma peça com cada senhora. (DEPARTAMENTO DE DANÇAS FOLCLÓRICAS ALEMÃS, 2012).

Os alemães são apreciadores de música tocada por “bandinhas”, as quais animam as festas de batizados, casamentos, aniversários entre outros, estas formam um elemento fundamental na vida social da colônia. Outro fator importante para a preservação da língua alemã e da cultura e de grande influência na vida da comunidade foi a formação de corais escolares e nas igrejas. Assim, Sociedades de Canto são freqüentes entre os descendentes de alemães que as chamam de filarmônicas. Na morte de algum sócio, os corais cantam no enterro. Nas cerimônias de casamento os corais também se apresentam.

O *Kerb* tornou-se uma das festas mais conhecidas dos imigrantes alemães, esta indica a celebração de inauguração da igreja, do padroeiro, para arrecadar fundos para reformas e conservação da casa pastoral, muitas vezes esta se relaciona com a festa da colheita. O *Kerb* dura de 3 a 4 dias, onde ocorrem a cerimônia, a trajetória ao clube, os bailes, muitas canções e danças, assim como, a união das famílias em casa de parentes para a preparação do evento, fazendo as comidas típicas e as cervejas

A *Oktoberfest* é a festa do mês de outubro realizada todos os anos. Primeiramente foi uma festa em comemoração as bodas de um casal de príncipe onde convidaram todos os cidadãos a participarem, o sucesso da festa foi tão grande que decidiram que ela deveria ocorrer todos os anos. Tornaram-se freqüentes os desfiles solenes de trajes típicos, com a participação de grupos folclóricos, também, a venda de pratos tradicionais, (chucrutes, pão de centeio, costelas de porco, cervejas), como diversão há jogos como pau-de-sebo, tiro ao alvo, marreta, pescarias entre outros.

Algumas danças folclóricas se destacam entre os alemães, e são reproduzidas ainda hoje no estado, onde muitos costumes ainda se preservam, entre elas: - *Huttanz*: a dança do chapéu tornou-se uma brincadeira musical divertida. Apresentando algumas alternativas, o chapéu circulava entre os dançarinos. Quando havia interrupção da música, aquele que estava com o chapéu caía fora. No final tinha um casal vencedor. - *Besentanz/Besenwalzer*: A dança da vassoura tornou-se popular pela sua dinâmica, ao bater a vassoura, todos tinham que trocar de par, o que sobrava, iniciava dançando sozinho com a vassoura. Em algumas regiões, ao permanecer três vezes com a vassoura, o penalizado deveria pagar uma prenda. - *Korbtanz*: dança do cesto de flores. Dar o cesto em alguém, tem o sentido de dar o fora. A representação era feita de uma maneira simples e com muito humor. A moça sentava numa cadeira, a direita e a esquerda tinha uma cadeira vaga. Os pretendentes a dança sentavam-se nas cadeiras. A moça passava

o cesto para um dos rapazes e escolhia o outro para dançar. Na seqüência, o rapaz sentava na cadeira central, e as moças assumiam o papel dos rapazes.

A festa da matança do porco (*schlachtfest*) é outra festa tradicional alemã, ela tem início no sábado com uma sopa e em seguida são servidas algumas partes do porco. A meia-noite segue-se a lingüiça *moreilha* e de fígado. No domingo ao meio dia é servido o porco assado e a noite um *Surfleisch* (carne de panela) com defumados. Toda a vizinhança é convidada para festejar a comilança acompanhada de bebidas. Vale ressaltar a primeira regra do colono, “Quem deixa o seu porco passar fome terá um presunto de má qualidade.”

4 CONCLUSÃO

Através deste artigo, foi possível perceber que a colonização alemã no estado do Rio Grande Sul teve início no século XIX, primeiramente com um considerável apoio do governo para sua manutenção, o que não durou muito tempo, quando a segunda leva de colonos chegou ao estado desfrutava de uma diminuta, ou quase nula, assistência inicial por parte do governo imperial e provincial. Mas, mesmo com estes empecilhos os alemães conseguiram se estabelecer na terra e se reproduzir, principalmente, através do desenvolvimento da agricultura familiar.

É possível apontar que o isolamento inicial possibilitou um distanciamento em relação às demais etnias existentes aqui no estado, fato que pode ser apontado como um fator que influenciou na manutenção de usos e tradições da cultura germânica em nosso estado. Onde ainda se mantém o uso até da língua alemã (através de dialetos), a realização de festas tradicionais e folclóricas trazidas da Alemanha, bem como, músicas, danças, comidas típicas, entre outros elementos da cultura alemã que ainda estão presentes no contexto atual da sociedade Sul-Rio grandense.

5 REFERÊNCIAS

BARROS, Eliane Cruxem *et al.* **RS: Imigração & Colonização**. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

DEPARTAMENTO DE DANÇAS FOLCLÓRICAS ALEMÃS. **Festas Populares dos Imigrantes Alemães**. Gramado, 2012. Disponível em: <http://www2.brasilalemanha.com.br/festas_pop.htm> Acesso em: 20 jun. 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **RS: Agropecuária Colonial & Industrialização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

ROCHE, Jean. **A imigração Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: GLOBO, 1969. (vol.I)

SEYFERTH, Giralda. **A colonização Alemã no Vale do Itajaí Mirim**. Porto Alegre: Movimento, 1974.